

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA PARA SUSTENTABILIDADE (CCTS)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS (DCA)

Suzana Maria Moraes

**‘ECOLOGIA HUMANA E ETNOECOLOGIA: MEMÓRIAS, SABERES E FAZERES
NA VOZ DE TRÊS MULHERES RIBEIRINHAS NO LAGO AMANÃ – AM’**

Sorocaba - SP

2022

SUZANA MARIA MORAES

**‘ECOLOGIA HUMANA E ETNOECOLOGIA: MEMÓRIAS, SABERES E FAZERES
NA VOZ DE TRÊS MULHERES RIBEIRINHAS NO LAGO AMANÃ – AM’**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Federal de São Carlos, Campus
Sorocaba, para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Biológicas.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Silveira Franco

Coorientação: Prof. Dr. Helbert Medeiros
Prado

Sorocaba - SP

2022

Folha de aprovação

Suzana Maria Moraes

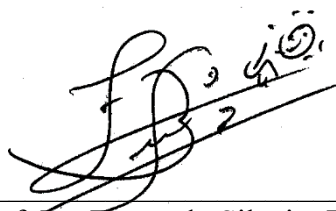
“Ecologia Humana e Etnoecologia: memórias, saberes e fazeres na voz de três mulheres
ribeirinhas no Lago Amanã - AM”

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

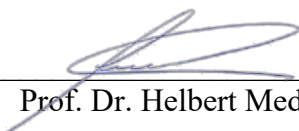
Sorocaba, 04 de abril de 2022.

Orientador



Prof. Dr. Fernando Silveira Franco

Coorientador



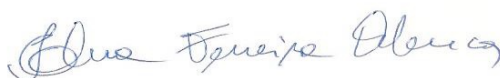
Prof. Dr. Helbert Medeiros Prado

Membro 1



Prof. Dra. Lourdes de Fátima Bezerra Carril

Membro 2



Profa. Dra. Edna Ferreira Alencar

Dedico este trabalho à minha amada avó Tereza (*in memoriam*) e a minha mãe Nilda,
parte da minha história e de mim mesma.

AGRADECIMENTO

Agradeço primordialmente às mulheres do Lago Amanã, pela receptividade, por terem aberto suas casas e suas vidas, tornando esta pesquisa possível.

Agradeço ao Professor Helbert pela oportunidade de realizar este trabalho e pelo conhecimento compartilhado. E também ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A minha companheira na campanha de campo Tamires, sou grata por estarmos juntas frente aos desafios.

Sou imensamente grata pelo apoio incondicional do meu companheiro de vida Italo.

Também agradeço a solidariedade de minhas amigas nesta jornada, Agatha, Beatriz, Caroline, Iara, Keila, Leilane, Luiza, Mayara, Natália, Rebeca e Yasmin.

Sou grata pelas oportunidades que tive na universidade e a todos aqueles que vivenciaram junto a mim este período memorável.

RESUMO

MORAES, Suzana. Ecologia humana e etnoecologia: memórias, saberes e fazeres na voz de três mulheres ribeirinhas no lago Amanã - AM. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

Memórias, saberes e fazeres relacionados à ecologia humana no contexto de comunidades ribeirinhas do Lago Amanã (AM) são abordados neste estudo a partir da perspectiva das mulheres. O trabalho também apresenta e discute aspectos acerca de conhecimentos ecológicos das mulheres, bem como seu papel nas atividades produtivas na escala da economia doméstica. Também são apresentados fragmentos históricos da região, evidenciando aspectos do modo de vida passado e presente de sua população. Foi realizada uma campanha de campo de 22 dias em março de 2019 entre comunidades ribeirinhas do Lago Amanã. Aplicou-se uma abordagem etnográfica, com entrevistas informais e semiestruturadas, e observação participante em campo. Foram visitadas as comunidades de Boa Esperança, Boa Vista do Calafate, Santa Luzia e Ubim. Conduziu-se entrevistas à seis mulheres, de faixa etária entre 27 e 75 anos, mas somente três delas foram selecionadas para compor esta monografia, com base em suas biografias e no conteúdo de sua história oral. As narrativas das entrevistadas mostram elementos da ecologia humana de mulheres em um contexto ribeirinho amazônico, ao mesmo tempo que revela a percepção e o conhecimento das mulheres sobre ecologia, paisagem, história, mudanças ambientais, entre outros tópicos relacionados.

Palavras-chave: Mulheres Ribeirinhas. Conhecimento tradicional. Amazônia. História Oral. História Ambiental.

ABSTRACT

MORAES, Suzana. Human ecology and ethnoecology: memories, knowledge and doing in the voice of three riverine women in the Amanã Lake - AM. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

Memory, knowledge, and practices related to the human ecology of riverine populations in the Amanã Lake (AM) are treated in this study from a women's perspective. The work also presents and discusses aspects of women's ecological knowledge, as well the woman's role in the productive activities in the household economy scale. Historical fragments about the region are also presented, bringing to light aspects of the past way of life of its population. It was carried out 22-days fieldwork among riverine communities in the Amanã Lake. The study makes use of an ethnographic approach, with the application of informal and semi-structured interviews, as well participant observation in the field. Boa Esperança, Boa Vista do Calafate, Santa Luzia, and Ubim were visited during the research. Six women, between 27 and 75 years old were interviewed, but only three of them were selected to be included in this monograph, based on their biographies and oral history contents. The interviewees' narratives show elements of women's human ecology in an Amazonian riverine context, at the same time that reveal women's perception and knowledge about ecology, landscape, history, environmental changes, among other related topics.

Keywords: Riverine Women. Traditional Knowledge. Amazonia. Oral History. Environmental History.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
3	METODOLOGIA	13
3.1	CONTEXTO AMBIENTAL E ETNOGRÁFICO	13
3.2	PESQUISA DE CAMPO, ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E ANÁLISE DE DADOS	15
3.3	BREVE APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	16
4	RESULTADOS	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA	35
	APÊNDICE B – TABELA DESCRITIVA DOS PRINCIPAIS TOPICOS E NARRATIVAS NAS ENTREVISTAS	37

1 INTRODUÇÃO

A ocupação humana na Amazônia a partir do período colonial ocorreu diante da expansão econômica mercantil por meio da exploração de recursos naturais e mão de obra, levando imigrantes pelas ofertas de trabalho, margeando os rios principais, posteriormente ocupando terra firme. Já a partir do século XIX, a extração de produtos florestais ocorria por meio de um sistema de financiamento para com patrões, o aviamento. Com a queda da produção de borracha, predominam as atividades extrativistas de castanha, sorva, além da caça e pesca (ALENCAR, 2010; ALENCAR et al., 2014).

A extração de recursos para subsistências em atividades como a pesca, caça, extrativismo e agricultura compreende uma importante dimensão sociocultural entre as populações rurais amazônicas. O *ethos* amazônico possui um sistema sociocultural complexo, que é composto por ontologias ameríndias, costumes e conhecimentos europeus da colonização e as narrativas ocidentais mais recentes (MENEGALDO; PEREIRA; FERREIRA, 2013; MURRIETA, 2001)

Para homens e mulheres, a percepção do ambiente, as vivências e memórias geradas, a simbologia e as realidades são diferentes. Diante das relações sociais, o gênero pode compor uma importante dimensão nos estudos sobre ecologia humana. O reconhecimento das diferentes funções sociais e de relação com os recursos naturais entre homens e mulheres em comunidades inseridas em áreas protegidas, pode propiciar a implementação de práticas sustentáveis mais adequadas, além de valorizar o conhecimento, a experiência e o trabalho femininos (DI CIOMMO, 2007; MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Segundo Maneschy; Siqueira; Álvares (2012), nas populações tradicionais as práticas produtivas são intrínsecas à existência, sendo as inter-relações no ambiente permeadas de adaptações frente às mudanças sociais e ambientais.

Comunidades tradicionais têm o cotidiano em muito regido pela sazonalidade dos ciclos naturais que também se manifesta na esfera das práticas cotidianas dos indivíduos. Somado a isto, as relações sociais de gênero se estendem materialmente no âmbito da divisão de tarefas entre homens e mulheres (VIEIRA et al., 2013). Partindo de uma premissa hierárquica de divisão de trabalho por gênero, é atribuído ao homem o trabalho mais valorizado e rentável,

dito de produção, enquanto à mulher é designado o trabalho de reprodução, associado ao cuidado e a ajuda, não sendo reconhecido socialmente e não remunerado (MANESCHY, 1995; VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014). Assim, o segmento de gênero perpassa a divisão social no trabalho, e se dá nos aspectos sociais de convivência, nos direitos e deveres (VIEIRA et al., 2013).

Do quintal ao roçado, as mulheres ribeirinhas se dedicam a diversas atividades para subsistência da família. Estão presentes nas atividades de agricultura, caça, pesca e coleta, além do trabalho doméstico e no cuidado da família. As múltiplas tarefas realizadas são vistas como extensões, atribuições ao segmento feminino que ocorrem em tempo integral. As atividades produtivas partem de uma construção sociocultural de divisão de tarefas, que invisibiliza e inferioriza o trabalho feminino, onde o papel da mulher na economia doméstica é designado como uma ajuda, mesmo sendo fundamental à família. Na diversidade de tarefas que realizam, vemos a íntima relação das mulheres com o ambiente e seus recursos, na captação e gestão dos recursos naturais e na produção e reprodução de seus (MACHADO, 2007; MANESCHY, 1995; VIEIRA et al., 2013; VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014).

Os padrões que definem identidade mudam no decorrer do tempo, mas o gênero ainda é marcado pela desigualdade socioeconômica e cultural, separando trabalho produtivo e reprodutivo (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). A definição de gênero envolve a construção sociocultural, psicológica, e se impõe em diferenças biológicas, refletindo o sexo (VIEIRA et al., 2013). As representações dos sexos são categorizadas pelos processos do ciclo biológico feminino. Na menstruação, gravidez, parto e resguardo, são atribuídas concepções e restrições às mulheres pelas suas condições fisiológicas (MOTTA-MAUÉS, 1994). O sangramento é uma representação que une e divide homens e mulheres (BELAUNDE, 2006). Como menciona Motta-Maués (1994), a menopausa representa uma mudança social, onde a mulher '*torna-se homem*', dado o fim das proibições, práticas e tabus que recaem sobre seus corpos e sua vida social.

Segundo Maneschy; Siqueira; Álvares (2012), os estudos etnográficos sobre relações de gênero emergiram a partir da década de 1980, evidenciando que as mulheres realizam múltiplas tarefas no cotidiano, compreendendo dimensões culturais e simbólicas. À luz desta literatura, este estudo traz os saberes das mulheres ribeirinhas do Lago Amanã, suas memórias, percepções, relações com o ambiente e simbologias.

Por meio da história oral, esta pesquisa traz uma compreensão social e da tradição, a partir da perspectiva e memória do indivíduo. A história oral pode revelar histórias esquecidas ou invisibilizadas, propiciar o entendimento dos valores socioculturais e também trazer compreensão de transformações que ocorrem no modo de vida ou na comunidade através de relatos individuais e, por isso, subjetivos. Pelas experiências e vivências do(a) entrevistado(a), a história oral constitui uma narrativa do passado por uma percepção do presente. Dessa forma, o resultado é constituído pelo(a) narrador(a) e pelo(a) pesquisador(a). As narrativas individuais também remetem à uma memória coletiva, pois revelam-se em um contexto sócio-histórico (BRANCO, 2020; SANTOS; ARAÚJO, 2007).

Este trabalho, o qual se desdobrou a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica (FAPESP 2018/20549-0) é parte de um projeto de pesquisa em ecologia humana e etnoecologia de quilombolas na Mata Atlântica e ribeirinhos na Amazônia, ‘A práxis na paisagem e a experiência do conhecimento ecológico entre quilombolas e caboclos’ (FAPESP 2016/04680-4). Através da voz das mulheres ribeirinhas do Lago Amanã, as memórias, saberes e fazeres relacionados ao ambiente e à paisagem são representados neste estudo de caso. Acessando as práticas e conhecimentos ecológicos das mulheres, bem como sua presença e papel nas atividades produtivas e na economia doméstica, este estudo também traz fragmentos históricos da região do Lago Amanã, evidenciando aspectos do modo de vida passado e presente de sua população.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi registrar os conhecimentos, práticas e vivências associados aos recursos naturais de mulheres ribeirinhas. Inseridos neste âmbito, fragmentos da história da ocupação humana na Amazônia, o modo de vida ribeirinho e as atividades produtivas retratam as relações de valores e memórias dos indivíduos e o ambiente. O trabalho evidencia a participação das mulheres na economia doméstica, nas tomadas de decisões, e em diferentes atividades desempenhadas.

3 METODOLOGIA

3.1 CONTEXTO AMBIENTAL E ETNOGRÁFICO

O estudo foi realizado no contexto do Lago Amanã, o qual se insere na área da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA, Amazonas). A Reserva compreende cerca de 2.350.000ha entre a bacia do Rio Negro e a bacia do Rio Solimões no baixo curso do Rio Japurá. Composta por lagos, predominantemente o lago Amanã, igarapés, paranás e rios de curta extensão (Figura 1) (ALENCAR, 2009, 2010; VALSECCHI; AMARAL, 2010).

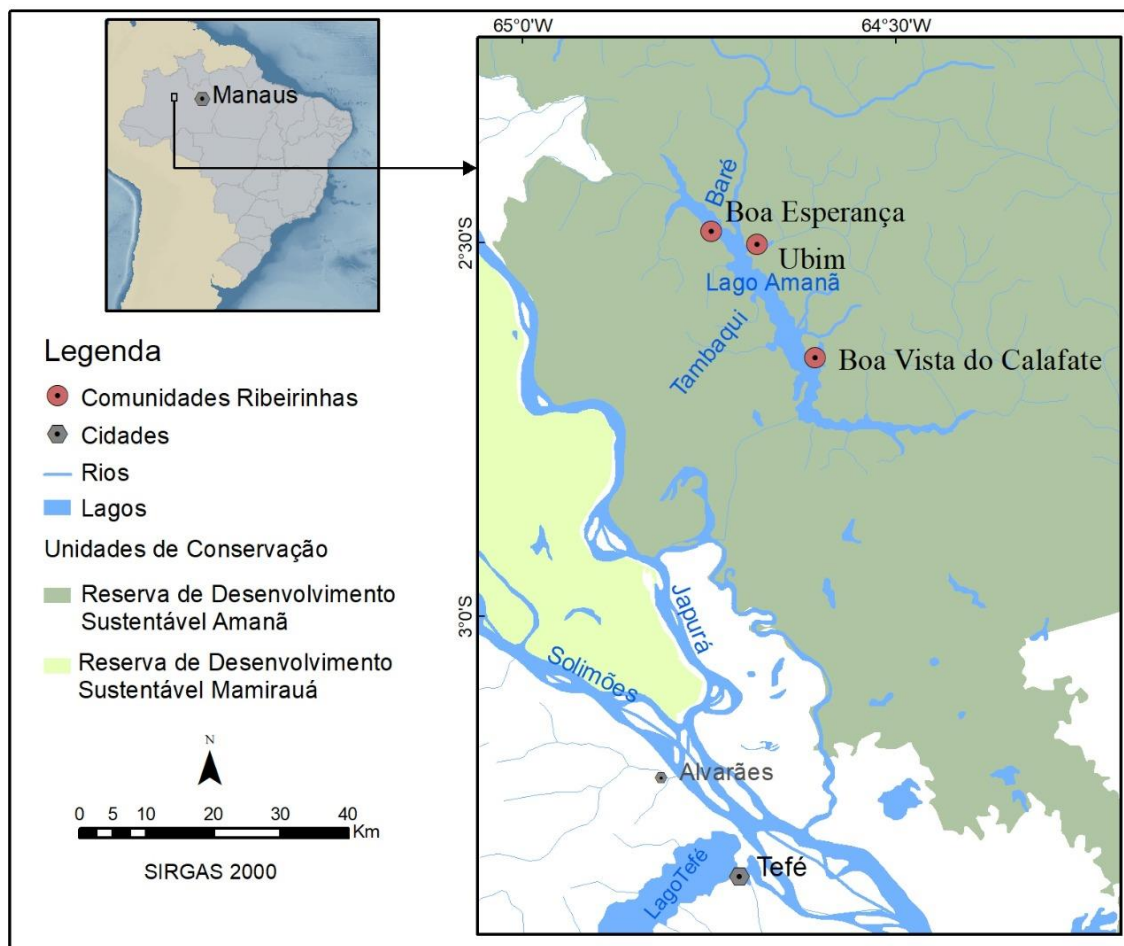
A área de estudo está inserida em uma região de clima equatorial, com temperatura e pluviosidade elevadas. Os pulsos hídricos sazonais, típicos da região, também marca a dinâmica ambiental na região do Amanã em sua dimensão temporal. No período de cheia, a água atinge os níveis mais altos, durante os meses de maio à julho. A vazante caracteriza o período de redução do nível da água, de julho a setembro. A seca ocorre quando a água atinge o nível mais baixo, de setembro a novembro. Dela sucede a enchente, entre novembro e maio, quando sobe o nível das águas (NASCIMENTO et al., 2019). Entre cheia e seca, o nível do Lago Amanã oscila entre 9 e 10 metros.

A RDS Amanã compõe o maior bloco de florestas tropicais protegidas da América Latina, de grande riqueza de biodiversidade em seus ecossistemas de várzea, igapó e florestas de terra firme. No período de enchente, furos e paranás direcionam a cheia na região do lago Amanã, gerando novos habitats à fauna aquática. Algumas espécies-chave na reserva são consideradas ameaçadas, como o jacaré-açu (*Melanosuchus niger*), o peixe-boi (*Trichechus inunguis*) e o pirarucu (*Arapaima gigas*). A reserva é importante para a conservação do bioma amazônico (NASCIMENTO et al., 2019).

No lago Amanã, as ocupações ribeirinhas se deram pela fartura de pescado, pela ampla área de terra firme e disponibilidade de recursos naturais. Em meados de 1970 houve migração para áreas urbanas, mas também surgiram comunidades organizadas politicamente, apoiadas pela Igreja Católica, e entre outros segmentos da sociedade. Também houve nesse período maior presença do Estado, criando novos municípios e políticas de extensão rural, formando assim um campesinato, o que marcou uma nova

configuração de ocupação humana no Amanã. Em 1998 houve a implementação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) (ALENCAR, 2009, 2010; VALSECCHI; AMARAL, 2010).

Figura 1 - Região da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (AM) e comunidades em foco neste estudo.



Fonte: BARBOSA, Camila.

Nas áreas de várzea, os períodos de cheia e vazante caracterizam as atividades produtivas e o modo de vida pela sazonalidade. O fluxo e o nível das águas interferem na locomoção entre áreas de terra firme. A maioria das casas está em terra firme, com produtividade de farinha para comercialização. Há também participação da pesca, mas a principal fonte de renda é a agricultura (MOURA; NASCIMENTO; SILVA, 2013; PERALTA; LIMA, 2013).

A população ribeirinha no Amanã reside predominantemente em comunidades, 58% dos moradores da reserva, e os demais residem em sítios, 42%. Os sítios são os locais onde

residem familiares, com poucas casas, geralmente até quatro. As comunidades possuem maior número de domicílios, com organização social complexa, presença de escolas, centros comunitários e igrejas (NASCIMENTO et al., 2019).

As comunidades foco deste estudo pertencem ao município de Maraã. A comunidade Boa Esperança com 71 domicílios e cerca de 300 habitantes, foi a maior das comunidades visitadas. A Comunidade de Santa Luzia é composta por 19 domicílios e cerca de 104 residentes. A Comunidade Ubim, composta a partir de um único tronco familiar, tem 7 residências e 35 moradores. A Comunidade Boa Vista do Calafate é localizada no Paraná do Amanã, com 15 residências e cerca de 90 moradores (NASCIMENTO et al., 2019).

As unidades domésticas são em sua maioria nucleares, sendo um casal e filhos em 60% das residências, 21% delas é composta pelo tipo extensa, com pais e seus filhos, e demais parentes. As manifestações culturais que ocorrem nas comunidades no Amanã são principalmente os festejos religiosos e os torneios de futebol. A população é predominantemente católica, 44%, e 36,7% dos moradores se declaram praticantes de denominações evangélicas. São 51 igrejas distribuídas pela Reserva, pouco mais da metade delas é evangélica (NASCIMENTO et al., 2019).

As famílias têm sua renda obtida a partir de diferentes fontes. A composição da renda familiar é oriunda em 45% por benefícios sociais, a produção familiar corresponde à 37% da renda, salários e pagamentos mediante serviços prestados representam 17%. Em toda a reserva, as atividades de pesca, agricultura, extrativismo e caça representam 15%, 13%, 3% e 0,03% respectivamente, na composição da economia doméstica. A renda média mensal das residências no Amanã é de R\$ 1.449,89 (NASCIMENTO et al., 2019).

3.2 PESQUISA DE CAMPO, ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E ANÁLISE DE DADOS

Foi realizada uma campanha de campo entre os dias 07 e 29 de março de 2019, ao longo da qual empregou-se uma abordagem etnográfica, compreendendo a vivência e o acompanhamento nas atividades cotidianas dos moradores locais, com ênfase no segmento feminino.

As comunidades visitadas na região do Lago Amanã (RDSA) foram: Boa Esperança, Boa Vista do Calafate, Santa Luzia e Ubim. As metodologias utilizadas foram história oral, observação participante, entrevistas informais, e aplicação de entrevistas semiestruturadas. A comunidade Santa Luzia foi apenas visitada como parte do reconhecimento da região de estudo, mas não foram realizadas entrevistas sistemáticas. O diário de campo sempre esteve presente como uma maneira de relatar e interpretar as experiências vivenciadas e as percepções sobre o cotidiano das pessoas no local. Já na aplicação da entrevista semiestruturada utilizou-se de gravadores digitais para o registro em áudio e posterior transcrição da mesma. O roteiro de questões da entrevista semiestruturada aplicada em campo foi elaborado a partir de quatro tópicos principais, que são: (1) história de vida/história oral; (2) gênero, economia doméstica e captação de recurso (passado e presente); (3) paisagem; e (4) tabus (Apêndice A).

A história oral possibilita a recuperação de uma memória que nem sempre se encontra em documentos escritos, como um meio de compreensão de acontecimentos passados. O(A) entrevistado(a) tem autonomia e liberdade para relatar experiências pessoais, reconstruindo acontecimentos vivenciados, bem como conhecimentos transmitidos ao longo das gerações pela oralidade (BRANCO, 2020; SANTOS; ARAÚJO, 2007). A história de vida, inserida no âmbito da entrevista semiestruturada, possibilita acessar processos históricos e sociais, através das memórias, valores, vivências, e narrativas de padrões culturais na comunidade (BEGOSSI et al., 2002).

As gravações de áudio foram analisadas na íntegra, a partir da elaboração de fichas com os principais tópicos e relatos mais significativos, organizadas em sequência temporal para cada áudio de modo descritivo. Desta forma, as informações contidas no áudio puderam ser acessadas durante as análises, recuperando as narrativas completas (Apêndice B).

A pesquisa foi realizada com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (Processo: 03879018.7.3001.5464). O estudo também foi autorizado pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Amazonas (Documento nº 157/2018-DEMUC/SEMA), por se tratar de uma unidade de conservação no estado.

3.3 BREVE APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Conduziu-se entrevista semiestruturada com seis mulheres, de faixa etária entre 27 e 75

anos. Para compor este estudo foram selecionadas três das entrevistadas. A partir da análise das entrevistas e decupagem, foi realizado uma seleção prévia pelo conteúdo de cada entrevista. E com o propósito de trazer as experiências vivenciadas, os aspectos históricos, diferentes atividades produtivas desempenhadas, mudanças na configuração da paisagem e no modo de vida, também foi considerado a maior faixa etária entre as mulheres entrevistadas.

Augustinha Gomes da Silva, 72 anos, reside na comunidade Boa Esperança com o ex-cônjuge, sua filha e o cônjuge, e seis netos. Em sua comunidade, é apontada como uma mulher forte, independente, capaz de desempenhar qualquer atividade. Dedicava-se principalmente à agricultura, pesca e extrativismo. Seu trabalho é fundamental para a economia doméstica em sua família.

Raimunda Ramos Da Silva, conhecida em sua comunidade como D. Dica, 75 anos, reside na comunidade Ubim. D. Dica sempre se dedicou à agricultura, tendo direcionado sua família para essa atividade como principal em sua unidade doméstica.

Raimunda Pereira Feitosa, D. Dita, 66 anos, reside com seu cônjuge na Comunidade Boa Vista do Calafate. Descendente de indígenas, produz e comercializa artefatos para pesca, produção de farinha, e outros itens artesanais. Também dedicava-se à agricultura, mas atualmente ocupa-se com os trabalhos domésticos.

4 RESULTADOS

A partir da perspectiva de mulheres ribeirinhas, são apresentados e discutidos abaixo aspectos de sua biografia, experiências, práticas e conhecimentos. A trajetória vivenciada por cada mulher expressa o modo de vida passado e presente, sob influência dos aspectos socioeconômicos e dos fatores ambientais e culturais em âmbito regional. O modo de vida é intrínseco ao ambiente, valores e memórias estão relacionados à paisagem. Os relatos também apresentam fragmentos da história da ocupação humana na Amazônia, também expressos nas falas de Augustinha Gomes da Silva, Raimunda Ramos da Silva e Raimunda Pereira Feitosa.

‘O que fez eu aprender a atirar foi a fome’: Augustinha e sua *práxis* na paisagem

Nascida no Japurá, com cinco irmãos e uma irmã, Augustinha Gomes da Silva (72 anos), moradora de Boa Esperança (Figura 2), começou a trabalhar no roçado com cerca de 12 anos. As principais atividades produtivas nesse período eram a agricultura e extração de látex, aprendendo desde cedo a cortar seringueiras. Acompanhava seu pai nas pescas de piraíba

(*Brachyplatystoma filamentosum*) para comercializar com peruanos, situações em que também coletava animais de casco nas praias. Auxiliava em caças de jacarés, que ela também ‘tratava’ (limpava) e tirava o couro destinado à venda. Augustinha relata que ficava com os dedos cortados ao realizar esta tarefa, além de tratar outros animais para o comércio de peles, como queixadas (*Tayassu pecari*) e cutias (*Dasyprocta*).

O comércio internacional de peles de animais silvestres foi muito presente ao longo do século XX na Amazônia, influenciando o surgimento de grandes empresas aviadoras nos principais centros urbanos, bem como as atividades de caça e a economia doméstica das comunidades locais por toda a região. Este grande mercado, o qual perdurou por mais de meio século, apresentou dois picos principais, um ao final da década de 1930 e outro entre 1960 e 1970. Nesse sentido, as narrativas de Augustinha acima citadas, localizadas a partir de final da década de 1960, parecem estar inseridas na segunda onda de alta demanda por peles e couro extraídos da Amazônia. O couro de jacaré, por exemplo, também citado por Augustinha, era também proveniente do rio Solimões, pelas extensas áreas de várzea que compõem a bacia, incluindo o rio tributário Japurá (ANTUNES; SHEPARD; VENTICINQUE, 2014).

Quando teve dificuldade para conseguir recursos, Augustinha experimentou a primeira caça oportunística, tendo dito ‘*O que fez eu aprender a atirar foi a fome*’. Ela relatou que no Jutai, onde morava com indígenas, certo dia chegando dos seringais com muita fome e nada para se alimentar abateu uma Juruti (*Leptotila*), ‘*ai Deus mandou aquela Jurutizinha que eu atirei e matei*’. Desde então, aos 15 anos de idade aproximadamente, passou a caçar para subsistência. Augustinha relatou diferentes estratégias de caça por ela adotadas, como a focagem noturna caminhando às margens do lago, expedições através de trilhas na mata e caça de espera.

Augustinha reconhece animais que seriam mais difíceis de serem caçados, pois teriam uma perspicácia por ela chamada de ‘*ciência*’. Esta qualidade do animal estaria relacionada à uma percepção mais apurada do ambiente, da localização e do comportamento do caçador, antecipando suas investidas e evitando o abate. Como exemplo de animal que tem ‘*ciência*’, Augustinha cita a anta (*Tapirus terrestres*), a qual mencionou nunca ter tido oportunidade de encontrar.

Sabe-se que na Amazônia, a atividade de caça e as espécies consumidas podem ser influenciadas por múltiplos fatores. Dentre estes podemos destacar os padrões de preferência alimentar (MURRIETA, 2001), bem como a disponibilidade ecológica da fauna terrestre e aquática, a depender dos pulsos de inundação da região (ENDO; PERES; HAUGAASEN,

2016). Outra dimensão que pode regular a caça na Amazônia se dá na esfera cosmológica, como no caso da ‘panema’ (VIEIRA; SHEPARD, 2017), e nos sistemas locais de restrição ou tabus alimentares, como no caso da ‘reima’ e da classificação dos alimentos em ‘forte’/‘fraco’ e também ‘quente’/‘frio’ (GOMES, 2019; MAUÉS; MAUÉS, 1978; MURRIETA, 2001; WOORTMANN, 2008).

Augustinha menciona que chegou com os pais e os irmãos ao Lago Amanã farto de peixes aos 15 anos, fartura que foi diminuindo ao longo do tempo. Logo perdeu sua mãe e quis continuar a viver só com o pai, ainda que se sentindo pressionada socialmente a se casar. Sentiu muita falta do pai após se casar. Ele também sentiu muita falta de quem mais o ajudava, e dizia ‘*quebrou um lado do meu braço*’. Ela é vista em sua comunidade como uma mulher forte, pela dedicação ao trabalho árduo e por sua autonomia. Estudos que abordam gênero e atividades produtivas, mencionam que as mulheres que participam de atividades produtivas rurais em posição de liderança podem ser consideradas ‘perigosas’, determinada ou batalhadora, pelas diferentes tarefas que executa (ALENCAR, 1991; PONTES; RIBEIRO; NASCIMENTO, 2013).

Depois que se casou, Augustinha trabalhava com o marido na roça, extraía látex, coletava castanha (*Bertholletia excelsa*), e quando era farto pescava para vender aos ‘patrões’. Usava malhadeira de corda para pescar caparari (*Pseudoplatystoma tigrinum*), tambaqui (*Colossoma macropomum*) e surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*), os quais também eram destinados à subsistência. Augustinha acredita que a pesca desenfreada para comércio é que diminuiu a disponibilidade de peixes no Lago, ‘*da onde se tira que não se põe se acaba*’. Atualmente, há projetos de manejo e acordos de pesca implementados nas comunidades da RDS Amanã (NASCIMENTO et al., 2019).

Na roça, realizava, e ainda realiza, todo tipo de atividade, derruba, encoivara, planta, roça e colhe (Figura 2). Mesmo quando seus filhos eram pequenos, os mesmos a acompanhavam na roça. A agricultura itinerante de corte e queima ainda praticada por ela atualmente, é complementar a estratégias produtivas sazonais de acordo com as condições ambientais. Esta forma de cultivo se caracteriza como menos intensivo em relação à agricultura convencional, pelos curtos períodos de cultivo e longos períodos de pousios, visando a fertilidade do solo. Sua configuração em mosaico também mantém *pools* de semente que contribuem para regeneração das florestas secundárias, e promove a agrobiodiversidade (VAN VLIET et al., 2012).

Figura 2 - Augustinha fazendo o trabalho de capina em sua roça.



Fonte: MORAES, Suzana.

Para Augustinha, antigamente durante o ‘verão’¹ a atividade predominante era a seringa (*Hevea brasiliensis*), e no ‘inverno’ a castanha (*Bertholletia excelsa*), sorva (*Couma* spp.) e maçaranduba (*Manilkara huberi*). Já no Amanã, quando cessou a seringa, começou a predominar a agricultura. Segundo ela, a farinha já rendeu muito, mas hoje grande parte do que é produzido na sua unidade doméstica agora é para o consumo próprio. Augustinha se separou de seu marido há cerca de 10 anos, mas ainda residem na mesma casa, juntamente com uma filha, o genro e seu pai, e seis filhos. Todos trabalham juntos pela próxima refeição e pouco do que é produzido é comercializado e convertido em renda.

No ‘sítio’, logo atrás de sua casa, cultiva os frutos do açaí (*Euterpe oleracea*), junto de algumas castanheiras (*Bertholletia excelsa*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), limão (*Citrus limon*), cacau (*Theobroma cacao*) e banana (*Musa*). Vale lembrar que na Amazônia, ‘sítio’ se refere a uma unidade produtiva espacialmente demarcada, a qual destina-se ao cultivo de frutíferas especialmente. Na Amazônia o extrativismo para consumo doméstico e comercialização, tem como principal produto o açaí, de onde se produz o ‘vinho’, o suco da fruta. Além do açaí, o consumo de outras espécies provenientes de palmeiras como o tucumã (*Astrocaryum vulgare*), bacaba (*Denocarpus bacaba*) e pupunha (*Bactris gasipe*) é costumeiro

¹ Na região, ‘verão’ corresponde aos períodos de vazante e seca, de meados de julho a novembro. ‘Inverno’ corresponde aos períodos de enchente e cheia, de final de novembro a meados de julho.

(SIQUEIRA et al., 1993).

Em seu quintal Augustinha tem algumas plantas usadas como temperos, legumes e outras para uso medicinal. Ela mencionou um chá caseiro contra resfriado, feito com mucuracaá (*Petiveria alliacea*), oriza (*Pogostemon*), alho (*Allium sativum*) e cravo (*Syzygium aromaticum*), o qual já preparou utilizando as plantas de seu quintal. Entre o quintal e o ‘sítio’ tem o terreiro onde cria patos, galinhas e porcos. Nas comunidades amazônicas as áreas no entorno da casa são um espaço especialmente feminino de socialização (SIQUEIRA et al., 1993). Em frente à sua casa há um jardim florido e uma oliveira (*Olea europaea*) que rende muitos frutos, bem próximo às margens do grande Lago (Figura 3).

Figura 3 - Casa de Augustinha vista da margem do Lago Amanã, com ‘sítio’ ao fundo.



Fonte: MORAES, Suzana.

‘Eu era tipo um homem quando era solteira’: representação social da mulher nas falas de Dica

Nascida em Bom Socorro, Tefé, Raimunda Ramos da Silva, ou simplesmente Dica, de 75 anos de idade, é matriarca na comunidade de Ubim (Figura 5). Dica nos contou que residiu na região de Japurá até cerca de quatorze anos. Aos dez já se dedicava às atividades de roça de subsistência com a família. Acompanhava a mãe na pesca, de caniço, tarrafa ou arpão. Utilizando caniço e batendo com ‘gaponga’ na superfície da água pescavam tambaqui

(*Colossoma macropomum*), entre outras espécies. Para pesca de aracu (*Schizodon* spp.) também utilizavam caniço, fazendo pequenas boias de cortiça e as amarrando no meio da linha.

Enquanto seu pai se ocupava com outras atividades, muitas vezes cabia a ela adquirir o alimento do dia para a família. O pai dizia ‘*Dica, tu garante pegar comida hoje pra nós comer?*’. Dica relata que pescava para toda família ‘*eu ia pescar né, eu pegava almoço pra nós tudinho [...] eu era tipo um homem quando era solteira, ajudava muito meu pai*’.

Seu pai era carpinteiro, e queria se mudar para região de Coari para que os filhos pudessem estudar. Ele se deslocava até um igarapé onde havia madeira ‘miratauá’ para usar de matéria prima para em seu ofício. Certa vez, ao passarem pelo rio Tambaqui, onde havia a casa do avô de D. Dica, decidiram se instalar na comunidade Vargem Grande. Lá conheceu seu marido Mimi², mudando-se em seguida para a localidade onde formaram a atual comunidade de Ubim. Esta é composta pela casa deste casal e outras unidades domésticas formadas por seus filhos e netos. A mudança de D. Dica foi de grande impacto para sua família, sintetizada na seguinte fala de seu pai a sua mãe: ‘*saiu meu homem de casa*’.

Após seu casamento, passou a acompanhar o marido pelas matas em caçadas. Comercializavam couros e peles, além de pirarucu (*Arapaima gigas*), seringa (*Hevea brasiliensis*) e sorva (*Sorbus domestica*) com os ‘patrões’ (ALENCAR, 2009). Enquanto ele extraía seringa ou pescava pirarucu na ressaca, ela defumava a borracha, ficava pelas margens para arpoar ou ‘tratar’ (limpar) o pescado. Em meio às incursões na mata, aprendeu a atirar e abateu um socó (*Tigrisoma lineatum*), em outra oportunidade tentou atirar em um cojubim (*Pipile cujubi*).

O local onde reside atualmente, Ubim (Figura 4), pertenceu a seu avô, e depois ao pai. Durante o estabelecimento da Reserva Amanã, houve divergências para o mapeamento das áreas de ocupação das famílias e comunidades. D. Dica contou um episódio em que outra comunidade tentou integrar a área de sua família, alegando que a família de Dica havia migrado para outro local. Porém, eram comuns os deslocamentos temporários para aquisição de recursos ocorressem, permanecendo um membro da família para cuidar do local até o retorno dos demais. Por meio de muitas reuniões entre os moradores e a gestão da reserva, D. Dica manteve a propriedade da família, hoje reconhecida como comunidade. De fato, na região a alta mobilidade sazonal das famílias pode implicar na gestão global dos recursos, resultando em conflitos entre famílias, comunidades e a própria gestão ambiental realizada na área pelo Instituto Mamirauá (GILLINGHAM, 2001).

² Otílio Filho, conhecido como Mimi, veio a falecer em março de 2021 em razão de uma pneumonia aguda.

Figura 4 - Entardecer em Ubim. Vista para o Lago Amanã da casa de Dica.



Fonte: MORAES, Suzana.

No episódio acima relatado, sua família teria deixado a região do Ubim por cerca de três anos para residir em Bom Socorro. Apenas seu filho mais velho ficou para cuidar das plantações. Quando retornaram fizeram roça, bananal e compraram um barco motorizado, melhorando suas condições de vida.

Para Dica, o Ubim antigamente era mais farto, tinham muitas árvores frutíferas e era mais fácil conseguir alimento. Seu marido caçava queixada (*Tayassu pecari*) com frequência. Segundo D. Dica, teria havido diminuição dos recursos pelo aumento populacional humano e sobre-exploração dos recursos. Como exemplo, cita um episódio de caçada à queixada (*Tayassu pecari*) em que algumas pessoas chegaram a abater cerca de vinte animais sem nenhuma necessidade aparente. Frente à sazonalidade, os ribeirinhos têm maior consumo de peixes no ‘verão’. No inverno agrega mais carne de caça na alimentação, especialmente no auge da subida das águas que ocorre geralmente em julho.

Há cerca de 30 anos, D. Dica decidiu que a família se dedicaria mais à agricultura. Seu marido queria prosseguir com a extração de seringa, mas não era rentável. Nesta época, para a aquisição de produtos manufaturados os ribeirinhos realizavam troca com os ‘patrões’. Através do sistema de aviamento, as negociações eram desfavoráveis e as famílias ficavam endividadas (ALENCAR, 2009; GILLINGHAM, 2001). Então ela propôs que dois filhos desenvolvessem

junto a ela o trabalho na roça, e outro filho ficou junto do seu marido na extração de seringa, para que pudessem avaliar qual era a atividade mais vantajosa.

Como a agricultura se mostrou mais rentável, e com a experiência e os conhecimentos que D. Dica adquiriu de seu pai, a família voltou-se para as atividades na roça. Quanto ao seu marido ela mencionou: *'ai ele viu que dava futuro trabalho de roça, ai não cortou mais a seringa'*. A farinha de mandioca (*Manihot Esculenta*) principal fonte de carboidratos dos ribeirinhos amazônicos, também desempenha papel importante para renda das famílias (FRASER, 2010).

A sogra de D. Dica, de descendência indígena, se dedicava intensamente à várias atividades, extraía seringa, sova, trabalhava no roçado, e sempre levava seus filhos, *'a velha tanto era danada como era corajosa, e ela quis fazer a frente de trabalho mais do que o marido'*. D. Dica reforça o papel da mulher nas atividades produtivas e domésticas dizendo que *'são tudo trabalhadeira essas mulher daqui, elas nenhuma espera pelo marido não, é difícil'*. Ela, as filhas e as noras, por exemplo, realizam todas as atividades relativas ao cultivo, desde o roçado até preparo da farinha. D. Dica tem oito filhos, e os ensinou a desempenhar as atividades sem distinção por gênero.

D. Dica aprendeu sobre cultivo com o pai, tinham muitas frutíferas e verduras. Ela traz sementes e mudas de vários lugares, cultivava espécies frutíferas para plantar em meio ao roçado, as quais permanecem na área formando o 'sítio' após o ciclo da roça (Figura 5). Hoje tem piquiá (*Caryocar villosum*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), castanhas (*Bertholletia excelsa*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*), mari (*Poraqueiba sericea*), ingá (*Inga edulis*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), abacate (*Persea americana*), entre outras.

Em frente à sua casa havia um jardim, onde cultivava flores de diversas espécies de diferentes lugares, como onze horas (*Portulaca grandiflora*), crista de galo (*Celosia argentea*), entrada de baile (*Epiphyllum phyllanthus*) e capa rosa (*Guapira noxia*). Atualmente o jardim deixou de ser cultivado em razão da presença das ovelhas (*Ovis aries*) que são criadas em torno da casa. D. Dica ainda mantém uma horta de plantas medicinais como arruda (*Ruta graveolens*), amor crescido (*Portulaca pilosa*), mucuracaá (*Petiveria alliacea*), alfavacão (*Ocimum gratissimum*), pinhão (*Jatropha gossypifolia*) e sara tudo (*Justicia acuminatissima*), para uso da comunidade. Os conhecimentos e práticas terapêuticas são parte das tradições locais, e expressam uma estreita relação com o ambiente. Na roça, D. Dica cultivava atualmente mandioca (*Manihot esculenta*), cará (*Dioscorea spp.*), ananá (*Ananas comosus*), dentre outras espécies. A diversidade nas roças e quintais é importante para subsistência e segurança alimentar. O excedente

produzido é compartilhado na comunidade ou comercializado, compondo a renda das famílias (Figura 5).

Figura 5 - Dica em sua área de ‘sítio’ a caminho da roça.



Fonte: MORAES, Suzana.

‘Ela arpoava peixe e eu não sabia’³: dos saberes e fazeres de Dita

Raimunda Pereira Feitosa (66 anos), ou Dita, é moradora da comunidade Boa Vista do Calafate (Figura 6). Dita é descendente direta de indígenas, nasceu em uma localidade chamada Comapá, que veio posteriormente se tornar uma comunidade, a Vila Nova, próximo ao Lago Amanã. Nesse período, D. Dita se lembra de que havia poucos moradores no Amanã, com apenas algumas famílias isoladas. Casou-se aos 23 anos, com seu Francisco, também descendente de indígenas. Trabalhavam sempre juntos na roça, às vezes o marido se ausentava para caçar ou pescar. Ela tem duas filhas e sete filhos, tendo perdido outros três filhos muito jovens. Começou a trabalhar no roçado aos sete anos, e seus filhos com cerca de cinco anos, logo que pudessem acompanhar, auxiliavam nas atividades rotineiras. As filhas se dedicavam mais às atividades domésticas, e os filhos acompanhavam o pai na caça e pesca.

Em Comapá, onde nasceu, permaneceu próxima ao seu pai, mas era difícil no período de vazante, pois o porto ficava muito distante da residência. Já no período de cheia o local inundava acarretando muitas perdas. Então, se mudaram para Marajó, onde residiram por vários

³ Intervenção feita pelo marido de Dita, Francisco, durante uma das entrevistas realizadas.

anos. Neste novo local a principal dificuldade não era o ambiente, mas a falta de escola para os filhos. Mudaram-se então novamente, chegando à Boa Vista do Calafate, onde residem atualmente (Figura 6).

Figura 6 - Vista de nossa chega à comunidade Boa Vista de Calafate.



Fonte: MORAES, Suzana.

Raramente vinham comerciantes para a região, o que tornava a vida mais difícil segundo Dita, e muito dependente dos recursos locais. Por exemplo, na falta de sabão utilizavam a palha de jerimum (*Cucurbita pepo*), e para adoçar os alimentos, garapa de cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*). O principal alimento para as crianças eram mingaus, feitos de jerimum (*Cucurbita pepo*), macaxeira (*Manihot esculenta*) ou banana (*Musa*). Não havia luz, nenhum tipo de combustível, nem mesmo fósforos. Quando conseguiam fogo tinham que controlá-lo para que não apagasse.

‘deixava o fogo aceso noite e dia, quando se acordava de noite ele vinha atiçar aquele fogo para não apagar né, porque se apagasse ninguém tinha aonde comprar um fósforo, comprar um isqueiro, não existia não, isqueiro ninguém nem conhecia, fósforo, ele pegava aquele palito de fósforo partia, duma cabeça ele fazia duas’

O modo de vida da família era dinâmico, passavam alguns meses em terra para o cultivo da roça. Tinham ao menos três locais para agricultura, e após o plantio viviam nas canoas pelos rios e lagos para pescar, somente retornando para a produção de farinha. No ‘verão’ pescavam,

no inverno, não havia moradia fixa, *‘nossa casa era a canoa’*. A ocupação humana itinerante na paisagem (ALENCAR, 2013), fortemente marcada pelos pulsos hídricos sazonais, e seus efeitos na disponibilidade de recursos na Amazônia (ENDO; PERES; HAUGAASEN, 2016), se mostra de forma emblemática nesta última fala de D. Dita. Não havia motor, as canoas iam a remo, de *‘voga’*. Acordavam de madrugada e iam remando até o amanhecer a fim de encontrar um lugar para pescar. Em época de plantio ou colheita, trabalhavam na roça durante o dia, à noite pescavam.

Além da pesca e agricultura, antigamente coletavam castanha (*Bertholletia excelsa*), sorva (*Couma utilis*) e maçaranduba (*Manilkara*) para comercializar. A coleta da castanha era uma atividade predominantemente feminina. O *‘sítio’*, a área que com o fim da roça é utilizada para produção de açaí (*Euterpe oleracea*), legumes e frutas eram apenas para subsistência.

Aos dezesseis anos D. Dita perdeu a mãe subitamente em uma febre intensa. Juntamente com o pai, ela e uma irmã passaram então a cuidar de si mesmas e dos três irmãos mais novos. Sua mãe era amazonense, e o pai era filho de indígenas, ensinando a ela o idioma e algumas atividades e costumes típicos, como o trabalho com madeira e cestarias – *‘pacará’*. Entre populações rurais, a confecção de artefatos a partir dos recursos naturais presentes mobiliza um vasto repertório de conhecimentos sobre o ambiente, além de cumprir importante papel sociocultural e de identidade local (VAN VELTHEM, 2012).

D. Dita produzia para venda itens como chapéus, balaio, tolda para canoa, *‘panero’*, remo, cabo de terçado, *‘tipiti’* e peneira, além de auxiliar o pai na produção de canoas. O *‘panero’*, o *‘urutu’* e o *‘balaio’* são cestos com alças para transporte de carga, como os produtos da roça ou da floresta. De acordo com Leoni; Marques (2008) que desenvolveram pesquisa sobre este tema na Reserva Amanã, nessa região o *‘panero’* é feito geralmente de cipó-ambé (*Philodendron fragrantissimum*) e alça de envira (*Bocageopsis multiflora*), em diferentes tamanhos e formatos. *‘Balaio’* é uma cestaria que pode ser utilizada para armazenar pertences pessoais.

O *‘tipiti’* é também uma cestaria que compõe um sistema de distensão por alavancas que espreme a massa de mandioca. As peneiras, geralmente confeccionadas de arumã (*Ischnosiphon arouma*) no Amanã, também é parte do processamento da mandioca. Os cabos de terçado, remos e canoas são feitos geralmente de madeira *‘itauba’*, pois tem maior resistência e durabilidade (LEONI; MARQUES, 2008). No período de colheita, há maior demanda e encomenda dos artefatos utilizados na produção de farinha. Essas atividades produtivas, além de sua importância para subsistência e economia das famílias, também expressam preferências estéticas e parte da representação simbólica do grupo social (LEONI; MARQUES, 2008; VAN VELTHEM, 2012).

Antes da região se tornar a Reserva, as principais atividades produtivas eram a caça do peixe-boi (*Trichechus inunguis*) e pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*). Na caça ao peixe-boi, faziam ‘pari’, uma armadilha feita de varas na entrada do igarapé. Segundo Dona Dita, quando o animal passava pela armadilha eles colocam pedaços de pau em suas ventas, os asfixiando. A cada caçada conseguiam cerca de quatro animais, que eram ‘tratados’ em algumas etapas como: (1) a remoção do couro; (2) da gordura que era utilizada para fazer a ‘mixira’, utilizada na conservação da carne; (3) e a separação das partes do animal, que eram salgadas, fervidas, e por fim ficavam ao sol para secagem.

D. Dita e a irmã capturavam pirarucu e outros peixes para comercializar, por meio da técnica de ‘curral’. Conforme seu relato, quando os peixes entravam por uma brecha no curral, chamada ‘língua’, ela fechava e eles não conseguiam mais sair. Dessa forma abatiam cerca de cinco peixes a cada captura. Levavam para casa pirarucu (*Arapaima gigas*), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), jundiá (*Rhamdia quelen*), para ‘trata-los’. Salgavam, e faziam um ‘tendal’ ou ‘varal’, estruturas para secar os peixes. Depois comercializavam. O curral também é utilizado como tanques para criação de algumas espécies, como forma de manter o pescado disponível na água (FONSECA, 2008).

A pesca comercial por meio de estratégias e tecnologias eficientes, levou muitas espécies a escassez, principalmente as mais valorizadas como o pirarucu (ALENCAR et al., 2014). Dentre os projetos conservacionistas implementados pelo Instituto Mamirauá, as ações voltadas ao peixe-boi mostram que ainda há pressões de caça em sua rota migratória na Reserva Amanã, mesmo estando vulnerável à extinção (MARMONTEL et al., 2015).

As mulheres pescadoras, como D. Dita, têm um importante papel na economia doméstica. O trabalho desempenhado pelas mulheres está além de uma ‘ajuda’, como por vezes relatam. Ainda é incipiente na literatura acadêmica registros sobre a atuação da mulher na pesca, atribuindo reconhecimento e evidenciando sua participação nestas atividades ao longo do tempo (LOPES; FREITAS; BEGOSSI, 2020). Seu marido não sabia pescar, ela o ensinou a fazer canoa, remo, haste, entre outros apetrechos. No curso de uma das entrevistas seu marido Francisco intervém com a seguinte afirmação: ‘*Ela arpoava peixe e eu não sabia*’. Dita complementa se referindo ao marido:

‘quando eu fiquei com ele, ele tinha uma haste que quebrou - Chiquinho tira um corte de haste que vou tirar te ensinar fazer haste, e aí tirou o corte e aí eu fui fazer uma haste pra ele, fazia um remo, ele tinha um remo - ah quebrou - Chiquinho você sabe fazer remo? - Ah num sei - digo tira um corte que eu vou fazer um remo pra ti, daí fiz um remo pra ele. Bico, flecha, isso ele não sabia fazer não, eu que ensinei ele fazer, cabo de terçado, tudo as coisas eu ensinei ele’

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos através das narrativas, que toda a vivência e o cotidiano ribeirinho perpassa por transformações ao longo do tempo em consequência das mudanças na paisagem. Os ciclos ecológicos, o nível das águas, a disponibilidade de recursos naturais, regem o modo de vida local de maneira significativo. Desse mesmo modo, se originam as memórias atreladas ao ambiente. Muito além de subsistência que os recursos naturais conferem, as relações para com o meio geram representações e valores. Um retrato disso na história de vida dessas mulheres são os aprendizados por meio da oralidade desde a infância, que se refletem nos saberes e fazeres.

Os relatos que compuseram este estudo estão inseridos em um contexto histórico local, que revela as condições ambientais, econômicas e socioculturais do contexto do Amanã, bem como suas conexões em nível regional e nacional. Em uma visão mais ampla, da história de ocupação humana na Amazônia, ao longo do tempo foram desenvolvidas diferentes atividades produtivas, que se reproduzem em âmbito local e repercutem na história de vida de cada entrevistada. Na atual conjuntura, a partir da implementação da RDS Amanã, há uma reconfiguração das atividades produtivas e do uso de recursos naturais, em confluência com a população e o conhecimento tradicional. As atividades desempenhadas pelos ribeirinhos são permeadas de simbologias e cosmologias, que atuam como reguladores ambientais e socioculturais, se configurando em um modo de vida singular.

As entrevistadas mencionaram a prática de atividades predatórias no tempo que precede a implementação da Reserva, levando à escassez de recursos naturais locais. Com as regulamentações e ações de proteção da biodiversidade esse cenário tem sido revertido, favorecendo a subsistência da população ribeirinha. Diante disso, as comunidades participam ativamente dos projetos de gestão de recursos, que são formulados pela associação do conhecimento científico e o tradicional.

Também observamos maior dedicação à agricultura, às roças e aos sítios, com maior variedade de cultivo. Com a suscetibilidade no período das cheias, o nível da água ocasiona perdas do plantio. A agrobiodiversidade proporciona segurança alimentar, com maior diversidade de espécies nos sítios e nas roças. A promoção da diversidade mostrou-se uma atividade tipicamente desenvolvida pelas mulheres, por meio de trocas de sementes e mudas.

As mudas de plantas são formadas nos arredores da casa, junto das plantas medicinais e flores, para posteriormente serem plantadas na roça ou no sítio.

Recentemente, estudos com ênfase no segmento feminino, que retratam o conhecimento tradicional e a percepção ambiental das mulheres, surgem com intuito de suprimir a invisibilidade feminina. Trata-se de um reconhecimento da presença das mulheres na formação das comunidades, na construção de preceitos socioculturais e nas atividades produtivas. As pesquisas que envolvem gênero e meio ambiente também são significativas para o desenvolvimento de políticas, normativas e regulamentações ambientais públicas e institucionais.

As relações de gênero em atividades produtivas refletem no termo ‘ajuda’, utilizado pelas mulheres quando mencionam os trabalhos que realizam. Aos homens cabem as atividades ditas de produção, mas as mulheres estão presentes nessas atividades e também nas de reprodução, dedicando-se à família em tempo integral. Como vimos anteriormente, mulheres não apenas participam da economia doméstica, como direcionam suas famílias, tomam decisões e são atores principais em suas residências.

Entre nossas interlocutoras, Augustinha mencionou em seus relatos que desde muito jovem auxiliava a família na caça e nos esforços para a retirada de couro e peles de animais silvestres para fins comerciais. Nas narrativas de Dica, vemos que frente a mudanças mercantis e econômicas, uma importante decisão foi tomada por ela quanto às atividades produtivas desempenhadas pela família. A família de Dica iniciou a prática da agricultura para cessar o aviamento, uma mudança importante para a economia de sua família. Destaca-se também os relatos feitos pelo marido de Dita sobre sua importância para que ele aprendesse a pescar. Todo o conhecimento de Dita sobre a produção de artefatos, pesca, caça e a roça foi fundamental à subsistência da família. Essas histórias singulares são representações da presença e da importância do trabalho desenvolvido pelas mulheres, das suas relações intrínsecas com o ambiente e o conhecimento que detêm.

Em Ecologia Humana são encontrados poucos trabalhos sobre gênero, apresentando uma lacuna em pesquisas que abordem as relações das mulheres para com o ambiente natural, suas percepções e conhecimentos. A ausência dessas pesquisas pode conferir aos registros já realizados um viés de gênero que invisibiliza a presença das mulheres. Através de cada história oral retratada neste trabalho, vemos a presença das mulheres em diferentes atividades produtivas, inseridas em um contexto histórico e econômico que perpassa suas experiências

individuais. No relato das vivências dessas mulheres também são expressas suas perspectivas acerca do ambiente e da paisagem na qual se inserem.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. F. **Pescadeiras, Companheiras e Perigosas: a pesca feminina na Ilha de Lenções**. [s.l.] Universidade de Brasília, 1991.

ALENCAR, E. F. O Tempo Dos Patrões “Brabos”: Fragmentos da História da Ocupação Humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 178–199, 6 abr. 2009.

ALENCAR, E. F. Dinâmica Territorial e Mobilidade Geográfica no Processo de Ocupação Humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã - AM. **Uakari**, v. 6, p. 39–58, 2010.

ALENCAR, E. F. “Nesse tempo não existia essas ilhas por ali”: Sobre modos de perceber o ambiente e narrar o passado. **ILUMINURAS**, v. 14, n. 34, p. 11–32, 15 fev. 2013.

ALENCAR, E. F. et al. Modos de Interação com o Ambiente e Estratégias de Subsistência dos Moradores da Várzea do Rio Japurá (AM). **Fragmentos de Cultura**, v. 24, n. 2, p. 303–317, 2014.

ANTUNES, A. P.; SHEPARD, G. H.; VENTICINQUE, E. M. O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 487–518, 2014.

BEGOSSI, A. et al. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002.

BELAUNDE, L. E. A força dos pensamentos, o fedor do sangue: hematologia e gênero na Amazônia. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 1, p. 205–243, 2006.

BRANCO, S. C. História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8, 2020.

DI CIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: A questão da equidade de gênero em uma reserva extrativista marinha. **Ambiente e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 151–163, 2007.

ENDO, W.; PERES, C. A.; HAUGAASEN, T. Flood pulse dynamics affects exploitation of both aquatic and terrestrial prey by Amazonian floodplain settlements. **Biological Conservation**, v. 201, p. 129–136, 2016.

FONSECA, D. R. A Pesca Na Amazônia : Da Pré -Colônia Ao Mundo Colonial (Séculos XVII Ao XIX). **Saber Científico**, v. 1, n. 2, p. 201–222, 2008.

FRASER, J. A. Caboclo Horticulture and Amazonian Dark Earths along the Middle Madeira River, Brazil. **Human Ecology**, v. 38, n. 5, p. 651–662, 2010.

GILLINGHAM, S. Social Organization and Participatory Resource Management in Brazilian Ribeirinho communities: A case study of the Mamirauá sustainable development reserve, Amazonas. **Society and Natural Resources**, v. 14, n. 9, p. 803–814, 2001.

GOMES, J. Uma perspectiva ontológica para uma análise etnoarqueológica das paisagens do Lago Amanã, Baixo Japurá, Amazonas. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 12, n. 2, p. 60–81, 16 mar. 2019.

LEONI, J. M.; MARQUES, T. D. S. Conhecimento De Artesãos Sobre As Plantas Utilizadas Na Produção De Artefatos - Reserva De Desenvolvimento Sustentável Amanã - Am. **Scientific Magazine UAKARI**, v. 4, n. 2, p. 67–77, 2008.

LOPES, P. F. M.; FREITAS, C. T.; BEGOSSI, A. A Mulher e a Pesca: Um Olhar Sobre a Pesquisa e a Atuação Feminina Pesqueira no Brasil. **Ethnoscintia**, v. 5, n. 1, p. 1–12, 2020.

MACHADO, D. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia Brasileira. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 485–490, 2007.

MANESCHY, M. C. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Boletim**

do **Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 11, n. 2, p. 145–166, 1995.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 713–737, 2012.

MARMONTEL, M. et al. **Monitoramento de peixes-boi-amazônicos (Trichechus inunguis) reabilitados e liberados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável. 12º Simpósio sobre Conservação e Manejo Participativo na Amazônia. Anais. Tefé - Amazonas: 2015.**

MAUÉS, R. H.; MAUÉS, M. A. M. O modelo da “reima”: representações alimentares em uma comunidade amazônica. **Anuário Antropológico**, v. 2, n. 1, p. 120–147, 1978.

MENEGALDO, L. R.; PEREIRA, H. D. S.; FERREIRA, A. D. S. Interações socioculturais com a fauna silvestre em uma unidade de conservação na Amazônia: Relações de gênero e geração. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 8, n. 1, p. 129–151, 2013.

MOTTA-MAUÉS, M. A. “Lugar de mulher”: representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá/Pará). In: **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 113–125.

MOURA, E. A. F.; NASCIMENTO, A. C. S. DO; SILVA, D. R. S. DA. **Aspectos sociodemográficos de moradores jovens da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã**. [s.l: s.n.] 2013.

MURRIETA, R. S. S. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 2, p. 39–88, 2001.

NASCIMENTO, A. C. S. et al. **Plano de Gestão Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã** Tefé - Amazonas, 2019.

PERALTA, N.; LIMA, D. DE M. A Comprehensive Overview of the Domestic Economy in Mamirauá and Amanã in 2010. **Uakari**, v. 9, n. 2, p. 33–62, 2013.

PONTES, I. P. DA S.; RIBEIRO, P. A.; NASCIMENTO, C. F. P.. **Relações Socioculturais de Gênero em Comunidades Tradicionais na Amazônia: os desafios vivenciados na comunidade São Lázaro/AM**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais**. Florianópolis: 2013. Disponível em:
<<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>

SANTOS, S. M. DOS; ARAÚJO, O. R. DE. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, p. 191–201, 2007.

SIQUEIRA, A. D. et al. Estratégias de Subsistência da População Ribeirinha do Igarapé do Paricatuba, Ilha de Marajo, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Serie Antropologia**, v. 9, n. 2, p. 153–170, 1993.

VALSECCHI, J.; AMARAL, P. V.. Perfil da caça e dos caçadores na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas - Brasil. **Uakari**, v. 5, n. 2, p. 33–48, 2010.

VAN VELTHEM, L. H. Cestos, peneiras e outras coisas: A expressão material do sistema agrícola no rio Negro. **Revista de Antropologia**, v. 55, n. 1, p. 401–438, 2012.

VAN VLIET, N. et al. Trends, drivers and impacts of changes in swidden cultivation in tropical forest-agriculture frontiers: A global assessment. **Global Environmental Change**, v. 22, n. 2, p. 418–429, 2012.

VIEIRA, M. A. R. DE M.; SHEPARD, G. H. “A anta tem muita ciência”: Racionalidade ecológica e ritual da caça entre ribeirinhos amazônicos. In: MARCHAND, G.; VELDEN, F. VANDER (Eds.). **Olhares cruzados sobre as relações entre seres humanos e animais silvestres na Amazônia (Brasil, Guiana Francesa)**. [s.l.] Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2017. p. 41–63.

VIEIRA, N. et al. Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 5, n. 3, p. 806–835, 2013.

VIEIRA, N.; SIQUEIRA, D.; PAOLO, D. DI. “O que é de mulher e o que é de homem”: Relações de gênero na pesca artesanal comunidade Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. **Raízes**, v. 34, n. 1, p. 8–23, 2014.

WOORTMANN, K. Quente, frio e reimoso: alimentos, corpo humano e pessoas. **Caderno**

Espaço Feminino, v. 19, p. 17–30, 2008.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

DADOS PESSOAIS

Nome Completo/Idade/Naturalidade/Estado Civil/Filhos/Escolaridade

1. HISTÓRIA DE VIDA/HISTÓRIA ORAL

- 1.1 A Sra. se criou com seus pais? Como foi sua criação?
- 1.2 Quando começou a trabalhar? Em que tipo de trabalho?
- 1.3 A Sra. Já foi casada quantas vezes?
- 1.4 Quantas vezes se mudou durante sua vida?
- 1.5 Quantos tipos de trabalho (ou atividade) já desempenhou?
- 1.6 Quando e como foi a história de criação desta comunidade?
- 1.7 Quais as principais mudanças que a comunidade já viveu ou tem vivido?

2. GÊNERO, ECONOMIA DOMÉSTICA E CAPTAÇÃO DE RECURSO (PASSADO E PRESENTE)

- 2.1 Antigamente, o marido e a mulher trabalhavam juntos ou separados aqui na comunidade? E hoje?
 - 2.1.1 Existia trabalhos (ou atividades) que só o homem fazia; ou trabalhos que só a mulher fazia? E hoje em dia?
- 2.2 Que tipo de trabalho a Sra. chegou a fazer durante a infância e quando era menino?
- 2.3 E depois que se casou? E depois que teve filhos?
- 2.4 Hoje em dia, qual é a rotina do seu dia a dia? Quando as crianças estão de férias da escola essa rotina muda? Como?
- 2.5 Ter filho homem ou mulher interfere de modo diferente na rotina do homem daqui? Como?
- 2.6 A Sra. pesca (ou já pescou; ou participou de pescarias)? Que tipo de pesca a Sra. faz? Era mais para o consumo ou comércio? Quais peixes gosta de pescar?
 - 2.6.1 Tem uma história de pescaria que a Sra. gostaria de contar (que viveu ou ouviu falar)?
- 2.7 A Sra. caça (ou já caçou; ou participou de caçadas)? Que tipo de técnica de caça usa (armadilha/espingarda)? Que tipo de bicho a Sra. gosta de caçar? Era mais para o consumo ou comércio?
 - 2.7.1 Tem uma história de caçada que a Sra. gostaria de contar (que viveu ou ouviu falar)?
- 2.8 A Sra. quebra castanha (ou outro tipo de extrativismo)?
- 2.9 A Sra. trabalha no sítio?
- 2.10 A Sra. trabalha na roça. De quais atividades a Sra. participa?

3. PAISAGEM

- 3.1 Qual a área da reserva ou da comunidade a Sra. mais gosta de visitar/trabalhar?
- 3.2 Quais são os nomes dos lugares que existem aqui na área da comunidade?
- 3.3 Como a Sra. chama a área ao redor e atrás da sua casa? Que tipos de plantas tem nela?
- 2.3.1 Para que servem essas plantas (alimento, tempero, medicinal, religião/simpatia)?
- 3.4 A Sra. planta flores? Onde? Como chama essa área (jardim)?
- 3.5 O que faz na roça depois que tira a mandioca? A roça vira o que depois?
- (Se respondeu capoeira) 3.5.1 Que tipos de capoeiras existem?
- (Se respondeu sítio) 3.5.2 O que tem no sítio?
- 3.6 Existe algum lugar especial para a Sra. aqui na área?
- 3.7 A Sra. já viu ou escutou alguma coisa estranha no rio ou em terra? Já teve medo?
- 3.8 Tem alguma história com (caboclinho/mapinguari/curupira/matita-perera) que o Sr gostaria de contar?

4. TABUS

- 4.1 Existem alimentos que a pessoa não pode comer quando está com algum problema de saúde?
- (Em caso positivo) 4.1.1 Vocês chamam esses alimentos de reimoso?
- 4.2 Quais são esses alimentos?
- 4.3 Se o marido come um alimento desses (reimoso), isto pode fazer mal para a mulher?
- 4.4 E quando a mulher menstrua? Tem alimento que é proibido?
- 4.5 E quando vai ter o bebê, que tipo de alimento não pode?
- 4.6 Qual o cuidado que a mulher deve ter durante a gravidez?
- 4.7 O que pode e não pode acontecer com a mulher quando ela está grávida?
- 4.7.1 Existe remédio do terreiro/quintal ou do mato que é usado durante e após o parto?
- 4.8 Como é o resguardo e quanto tempo dura?
- 4.9 O que pode e não pode acontecer com a mulher quando ela está de resguardo?
- 4.10 Hoje a Sra. acha que as mulheres não querem ter tantos filhos como antigamente?
- 4.11 O que as mulheres fazem para evitar ter filhos? Elas usam algum remédio da farmácia ou cozimento (com plantas daqui)? Quais seriam?
- 4.12 Aqui tem caso de mulheres que ficaram grávidas, mas não quiseram ter as crianças? Como elas fizeram para não ter?

**APÊNDICE B – TABELA DESCRITIVA DOS PRINCIPAIS TÓPICOS E
NARRATIVAS NAS ENTREVISTAS**

<p>Áudio I</p> <p>Entrevistada: Augustinha Gomes Da Silva</p> <p>Comunidade: Boa Esperança</p> <p>Idade: 72</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Tabus - Relação com a caça. Narra história Mampinguari e Mãe da Seringueira • Caça subsistência – a fome levou à caça, relata que primeiro animal caçado foi um Juruti • Menciona que antigamente era mais farto, havia mais pirarucu, pirarara e associa ao início da pesca com malhadeira • Relata o impacto do mal do limão – doença/praga que atingiu a citricultura • Relato da formação da comunidade – pessoas vieram de Jutai, Juruá • 00:20:50 - Relata a seringa como atividade principal até o início do casamento, a pesca para comércio e a presença de “patrões” para venda de castanha, sova, maçaranduba • “De onde se tira que não se põe se acaba” – Citação sobre a escassez • Pesca com malhadeira “de corda” (para subsistência) – tambaqui, surubim. Caça - mutum, veado. • 00:43:40 - Pesca caroço iscado no anzol – pesca de caniço

<p>Áudio II</p> <p>Entrevistada: Augustinha Gomes Da Silva</p> <p>Comunidade: Boa Esperança</p> <p>Idade: 72</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanha pesca com o pai para venda à peruanos • 00:04:30 - relato de caça oportuna de espingarda durante a coleta de castanha • A principal mudança para ela é a falta de recursos • Na roça o marido e a mulher trabalhavam juntos e as crianças, mesmo pequenas, acompanhavam • Atualmente trabalha na roça, pesca (fichear), coleta castanha • 00:11:00 - menciona “chá travoso”, chás para cicatrização • 00:12:00 – sobre “Tabus” - relata que resguardo pós-parto era mais rigoroso antigamente, hoje em dia não é mais, aumentando o número de doenças

Áudio I**Entrevistada: Raimunda Pereira Feitosa****Comunidade: Boa Vista do Calafate****Idade: 66**

- 00:13:00 - Faz “Pacará”/Tissume – 00:44 menciona venda dos produtos
- 00:23:00 - Peixe-Boi (venda e subsistência) – relata como é feito a caça e também a mixira (preparo para consumo e conservação)
- 00:26:20 - como faz a pesca do Peixe-Boi
- Roça subsistência
- 00:41:20 - Cântico indígena do paneiro pelo marido
- Menciona que a mulher cuida mais da casa do que dos outros afazeres, mas hoje em dia os homens ajudam mais
- 00:55:00 - Pesca de Curral
- 00:57:40 - Relato do marido que ela o ensinou a pescar e a construir utensílios/instrumentos para a pesca
- 01:00:00 - menciona cães de caça, mas ela nunca caçou, pois aprendeu com o pai a pesca
- Quebrava castanha
- 01:24:20 - Mudanças no Amanã: aumento populacional – não tinham vizinhos ou comunidades próximas, utilizava recursos como “piranheira” (madeira) para fazer fogo, ao invés do sabão utilizava “palha de jurumum”, no lugar do açúcar utilizava cana (garapa) para adoçar café, o alimento era mingau de jurumum/banana/macaxeira, pois não haviam comerciantes. E o transporte era a remo, os pais iam em uma maior e eles remavam em uma menor. Mandioca ralada em ralo. 01:31:00 não existia encanamento, buscavam água.
- 01:34:50 - “Tabus” - “Pião do Batu” espanta olho grande/feitiço
- 01:39:00 - resguardo pós-parto não tomar sol ou pisar no chão quente – relações com a temperatura
- 01:41:00 - chás durante o resguardo
- 01:43:00 - “Tabus” - marido não pode carregar peso durante três dias, se não a criança tem cólica – enfiar “toco” (madeira) apontado debaixo do jiral, dar 3 golpes no taperebá com machado, para poder ir trabalhar e não ter implicações
- 01:44:40 - “Tabus” – “trabalho” para criança que nasce com excreções (água do parto) – de sexta-feira enterrar o umbigo, faz uma cruz e diz essa aqui é sua mãe

Áudio I**Entrevistada: Raimunda Ramos Da Silva****Comunidade: Ubim****Idade: 75**

- 00:03:00 – Seu pai era carpinteiro, retiravam madeira para produzir canoa e se locomover.
- 00:07:10 - Recursos por meio de pesca de caniço e arpão, roça, acompanhava o pai pela mata coletando castanha e sova - “Eu era tipo um homem quando era solteira”
- 00:09:15 – Primeira caça acompanhada pelo marido
- 00:15:30 – relata “colocação” para abrir estrada – plantava, mas não rendia financeiramente, ficava devendo
- 00:17:40 - 1963; quebrava castanha, roça ao redor da casa; ficavam se mudando para outros lugares
- 00:19:30 – Relata que agora é melhor, pois não há dívidas e tem recursos. Depois da “enchente grande” (período de cheia que impactou na captação de recursos) começou uma crise, antes haviam 300 pés de cupuaçu, mangueira, laranjeira, isso aconteceu há cerca de 4 anos, depois disso dedicou-se à roça
- 00:30:40 – Tempo da reserva – relata mapeamento e divergências quanto ao uso de recursos
- 00:45:40 – Relato de pesca com mãe para consumo (tarrafear/caniço). Depois que se casou a pesca era de malhadeira para venda de pirarucu, além de castanha, seringa e sova. Acompanhava marido na caça para venda e consumo, relato de duas caçadas por ela mesma
- 00:51:00 – Quanto às mudanças considera antigamente mais farto, de frutas e peixes, era mais fácil conseguir alimento. A diminuição se dá pelo aumento populacional, a abertura de “trilhas” - “as voadeira afugenta os bichos” – além do consumo excessivo (ex. caça de queixada)
- 00:55:10 – Menciona que a sogra tirava seringa, pescava, roçava e derrubava – “fazia frente de trabalho mais que o marido”
- 00:58:00 – Dividia os filhos com o marido para realizarem tarefas
- 01:00:00 – Relato de como convenceu o marido a deixar a seringa e começar a investir na roça. Para venda fazem roça há cerca de 30 anos
- 01:05:00 – Pesca de Matrinchã e tambaqui
- 01:06:00 – Relato curupira
- 01:22:00 – Experimento de plantas na horta que depois são levadas à roça. Plantas medicinais

Áudio II**Entrevistada: Raimunda Ramos Da Silva****Comunidade: Ubim****Idade: 75**

- 00:04:00 – “Tabus” - Relação à temperatura, alimento quente não se come quando está com febre (ex. açaí)
- 00:06:30 – Gestante antigamente não podia comer certos alimentos, hoje já comem. ANALOGIA: Não se come “bicho tirado do ovo do pau” quando gestante, pois se não sofre muito no parto (ex: jabuti, bodó).
- 00:20:20 – Chás – remédio resguardo
- 00:25:30 – Remédio para umbigo “pinhão branco”
- 00:27:50 – “simpatia” para determinar sexo dos filhos com botões
- 00:29:10 – Chá da casca de carapanaúba e da casca da andiroba como anticoncepcional (o filho que acompanhava a entrevista relata que é porque é amargo)
- 00:33:30 – Semelhança das crianças com animais que foram abatidos no período da gestação